



O não-agir no Taoísmo

Non-action in Taoism

Klinger Scoralick¹

Resumo: Este texto é uma apresentação preliminar sobre a noção de não-agir pertencente à tradição do taoísmo. Trata-se aqui de um esforço de compreensão em forma de anotações, um mapeamento das estruturas e de caminhos possíveis para se percorrer o vasto labirinto dessa filosofia tão antiga e, em princípio, tão distante da cultura judaico-cristã. Não se tem aqui a pretensão de se propor qualquer novidade quanto ao pensamento taoísta, mas tão-somente descrever o significado do não-agir e, conseqüente, da própria noção de Tao.

Palavras-chave: Taoísmo. Não agir. *Wu wei. Tao. Ética.*

Abstract: This text is a preliminary presentation on the notion of non-action belonging to the Taoism tradition. This is an effort to understand by means of notes, a mapping of the structures and possible paths to go through the vast labyrinth of this philosophy so ancient and so distant, in principle, from the Judeo-Christian culture. There is no intention here of proposing any novelty regarding Taoist thought, but only describing the meaning of non-action and, consequently, the notion of Tao.

Keywords: Taoism. Non-action. *Wu wei. Tao. Ethics.*

Introdução

Ninguém está tão errado
como aquele que sabe todas as soluções.

(Chuang Tzu)

Juntamente com o confucionismo e o budismo, o taoísmo (ou daoísmo) constitui um dos três pilares da religião e cultura chinesas (MASSON-OURSEL, 1948; BERTHRONG, 1996) – sendo comum, por exemplo, encontrar na iconografia chinesa, as figuras de Buda, Confúcio e Lao-Tse reunidas. Apesar das doutrinas de Confúcio terem atingido maior força e alcance no pensamento chinês (HODOUS, 1956a;

¹ Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora e doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É professor do Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: scoralick@yahoo.com.br

VANDERMEERSCH, 1997), tem-se que a figura de Lao-Tse, sempre envolta de mistérios e mitos, ganhou lugar de destaque em meio à tradição do taoísmo. As primeiras fontes do taoísmo enquanto pensamento filosófico são atribuídas a dois ilustres personagens: Lao-Tse e Chuang Tzu. Do-Dinh (1958) afirma que é Chuang Tzu o verdadeiro grande nome do taoísmo – tendo o livro *Chuang Tzu* se tornado uma grande obra da filosofia chinesa, que influenciou todos os pensadores e todas as religiões da China, com grande repercussão na elaboração do pensamento budista Zen (MERTON, 1989). O taoísmo é uma religião popular – tentativa chinesa de criar uma religião pessoal (MASPERO, 1971) – que contém uma longa e importante tradição escrita e erudita, ligada à China profunda. Seus textos têm uma grande difusão, mas conservam uma dimensão iniciática devido à sua transmissão oral. Tendo se difundido na China, o taoísmo é de difícil compreensão, sobretudo para aqueles que pertencem culturalmente ao campo das religiões abraâmicas, pois é um pensamento “que pouco se adequa às nossas ideias e sobre o que é uma religião.” (SCHIPPER, 1997, p. 506).

O *Tao Te King* (também conhecido como *Dao De Jing*, *Dao De Ching* ou *Tao Te Ching*), livro sagrado composto de pouco mais do que cinco mil ideogramas, é escrito em linguagem simples, às vezes ritmada, mas em sentido tão vago que as numerosas versões diferem radicalmente uma das outras. Chegou-se a inúmeros livros de explicação desta obra. Os taoístas, então, passaram a ler mais os livros de explicação que explicavam as explicações dos explicadores, que explicavam as primeiras explicações, do que o próprio *Tao Te King* (WILGES, 1982, p. 35). Não se sabe ao certo se o livro foi todo ele escrito pelo próprio Lao-Tse ou se é uma compilação posterior de seus discípulos.

Pouco se sabe sobre a vida de Lao-Tse (outras grafias: Laozi, Lao Tzu, Lao-Tseu e Lau Tsi), apesar de sua insurgência contra a autoridade dos sacerdotes chineses, o que fez com que ele protagonizasse, ao lado de outros personagens, entre eles Confúcio, uma onda de revoltas contra o sacerdócio do mundo antigo (BEAVER, 1996, p. 42). Também é sabido que Lao-Tse teria tido discípulos e que não lhes teria transmitido o seu verdadeiro ensino. Todavia, a existência de Lao-Tse já se viu questionada, sobretudo devido à narrativa em torno de seu nascimento, vida e morte (cf. DONINI,

1965, p. 307; SCHIPPER, 1997, pp. 515-516)². Lao-Tse, que em chinês quer dizer “Velho Mestre” – e que teria se chamado Er dan Li – teria vivido por volta do século VI antes da era cristã, e se lhe atribui a autoria do livro intitulado *Tao Te King* (*Livro do Caminho e da Virtude* ou *Livro da via e da Ação*), que acabou sendo considerado canônico em 666 E.C. (Era Comum). Nessa mesma época, o próprio Lao-Tse foi homenageado pelo imperador Gao Zong (650-684 E.C.) da dinastia Tang, com o título de *Tai Shang Xuan Yuan Huan Di* (*Sublime Imperador de Mística Origem*). Já em 1013 E.C. o imperador da dinastia Song, Zhen Zong (998-1023 E.C.), acrescentou-lhe o título de *Tai Sahng Lao Jung* (*Sublime Senhor Lao*), como é geralmente conhecido pelos adeptos taoístas.

A doutrina de Lao-Tse e a do taoísmo como um todo é essencialmente um esforço para harmonizar a vida do homem na terra com a existência e a lei do universo, *Tao*. A fonte de inspiração principal do taoísmo é o *Tao* – palavra que aparece setenta e seis vezes no *Tao Te King* e que possui um significado bastante variado, conforme Kaltenmark (1965). “Pode-se dizer que o espírito da China é o próprio espírito do Tao” (AZEVEDO, 1973, p. 321). Temos, pois, que o principal tema da filosofia taoísta é a harmonia entre o homem e o cosmos. Assim, fundamenta-se o proceder humano na imitação do *Tao*. O *Tao* significa, caminho, mas também o *Ser* (*Logos, Deus, etc.*) ao qual o caminho conduz. Dentre os aspectos mais importantes dessa filosofia difundida por Lao-Tse e Chuang Tzu, destacam-se aqui as noções de *tao* e de *wu wei*. Assim é possível visualizar melhor a dinâmica da cosmologia taoísta.

Para os taoístas não há uma preocupação primeira com a construção de uma sociedade perfeita, assim como havia em Confúcio (SE-TSIEN KAO, 1945). Para eles isso acabará ocorrendo quando todos observarem e imitarem o *Tao*. A sociedade coletiva ideal realizar-se-á quando ocorrer cooperação espontânea, sem que haja um

² Segundo a tradição, sua mãe o teria concebido enquanto uma estrela caía do céu e o teria criado em seu ventre por um período de 72 a 82 anos. Ao nascer, Lao-Tse teria, portanto, a aparência de um recém-nascido e a sabedoria de um velho; além disso, possuía o segredo da longevidade. No fim de sua vida, montando num búfalo, Lao-Tse ia transpor as fronteiras do Império, ia no caminho para o Oeste, na direção do país da morte e do mundo do caos. Neste instante ele foi reconhecido como um verdadeiro sábio pelo guarda do Desfiladeiro, Ien-Hi, encarregado da passagem que separa o mundo do além. Este pediu que lhe ensinasse a verdade. Lao-Tse deteve-se alguns dias na casa desse humilde funcionário, curioso das coisas eternas, redigiu o seu testamento espiritual: *Tao Te King*. Depois, retomando a sua pacífica montaria, afastou-se e nunca mais foi visto neste mundo. Diz a tradição que ele ainda permanece vivo em isolamento e silêncio. Sobre sua existência real ou não, Sproviero (1998) alude ao fato de uma possível confusão histórica por parte de Si Ma Quian, historiador chinês, a qual foi indicada por Fung Yu-Ian, historiador contemporâneo.



poder central dirigente. Logo, o taoísmo também dirige-se, de certa forma, para questões políticas, apesar de sua aparência inicial, requintada de muita mística e pouca praticidade. Os taoístas foram adversários ferrenhos das sociedades de seus tempos, pois insistiam que a verdadeira sabedoria consistia em viver conforme a natureza e não no esforço de construir uma sociedade e uma civilização. (O confucionismo, que se empenhava na educação moral, logo, era tanto inútil quanto perigoso, uma vez que afastava o homem de sua verdadeira natureza).

A via, o *Tao*

Confúcio não especulava a respeito da natureza do *Tao*, mas simplesmente o propunha como norma fundamental do proceder humano (POTTER, 1944). O *Tao* para ele seria a retidão primordial que rege o universo, a sociedade humana e o comportamento do indivíduo, pois como ele dizia em seus *Analectos (Lun Yu)*: *Quem prestou atenção ao Tao pela manhã, pode morrer sem remorsos pela tarde*. Enquanto Confúcio não se ocupava com o conhecimento das *realidades metafísicas* – pois era preciso preocupar-se com a vida daqui – Lao-Tse entendia que o abandonar-se no *Tao* deixava com que o mundo cuidasse de si mesmo. O taoísmo encontra-se inteiramente voltado para dimensão *metafísica* da vida, a qual abarca todo o sentido da existência.

O Tao é a pátria de todos os seres, (...)
Por isto é o Tao o Bem Supremo.
(LAO-TSE, 1973, pp. 155-156).

Tao é o seio materno do Universo.
(LAO-TSE, 1973, p. 135).

Chuang Tzu dizia:

Tudo de que o peixe necessita é perder-se na água.
Tudo de que o homem necessita é de perder-se no *Tao*.
(MERTON, 1989, p. 85).

Embora no confucionismo o *Tao* também possuísse relevada importância, Chuang Tzu acreditava que o *Tao* que Confúcio tanto amava não era o “grande *Tao*”, que é invisível e incompreensível. Antes, era “um reflexo menor do *Tao*, como se

manifesta na vida humana. Era a sabedoria tradicional ensinada pelos antigos, o guia para a vida prática, o caminho para a virtude” (MERTON, 1989, pp. 27-28). A base de toda a crítica de Chuang Tzu a respeito da filosofia de Confúcio é a de que ele verdadeiramente nunca se aproxima do *Tao* nem mesmo o leva em consideração. Segundo Chuang Tzu, Confúcio recusava-se a se preocupar com um *Tao* mais elevado do que o do homem. Há uma preocupação com o “destino” do homem, pois segundo Confúcio todas as pessoas nascem boas e precisam de educação para manterem-se boas. Lao-Tse afirma, também, que as pessoas nascem boas, mas que, ao contrário, não precisam de instrução. “O pombo toma banho todo dia para se tornar branco? Não. É branco por natureza. O mesmo acontece com as pessoas. Se são boas e justas em si não é preciso ensinar-lhes a justiça” (WILGES, 1982, p. 35). Nesses termos, e de modo contrário ao confucionismo, a *ética taoísta* está fundada unicamente na imitação do *Tao*, o que também vale para o Estado. O príncipe deve governar unicamente pelo exemplo da própria perfeição do *Tao*.

Governar um grande reino
é tão fácil como dar liberdade a um peixinho.
Quando o reino é governado no espírito de Tao (...).
(LAO-TSE, 1973, p. 151).

O termo ética deve ser entendido aqui como o proceder humano (modo de ser), mas não enquanto vinculado a algum código de conduta, pois o taoísmo é tipicamente “uma doutrina amoral”. E a causa disto está em seu “extremo monismo”. (ELORDUY, 1976, pp. 316-317). No *Tao Te King* se lê o seguinte:

Quem vive nas profundezas do seu *ser*,
nada sabe sobre virtuosidade. (...)
Ignora a moralidade de seu agir. (...)
Age pela caridade. (...)
Age por uma lei interna (...)
Bebe as águas da Fonte (...).
(LAO-TSE, 1973, pp. 104-105).

A ética genuína só existe
onde o homem vive de dentro da sua fonte
e age pela pureza do seu coração (...).
(LAO-TSE, 1973, p. 65).

Consequentemente, Lao-Tse se posiciona criticamente em relação à ciência e à cultura e vê a salvação no retorno às condições naturais e simples. Mais do que se preocupar com uma *fórmula* do bem governar, o taoísmo preocupa-se com uma *fórmula* do bem viver. E, por certo, bem viver significa viver de acordo com o *Tao* e nele perder-se. Não há, portanto, uma busca de aperfeiçoamento do homem e da mulher no mundo, mas, sim, uma busca e dedicação à contemplação da natureza, procurando a realização no espontâneo e “trans-ético” (BEAVER, 1996, p. 251). Os mestres do taoísmo buscam o tornar-se parte do “eu-todo-nada” da realidade, *Tao*. “Na verdade, toda a filosofia e toda a cultura chinesas tendem a ser ‘tauistas’, num sentido mais amplo, pois a ideia do *Tao* é, de uma ou outra maneira, central no pensamento chinês tradicional” (MERTON, 1989, p. 27). O *Tao* é uma realidade superior, absoluta, que transcende tudo o que é sensível ou insensível no ser. O *Tao* é ainda uma realidade inefável que não pode ser dita. O *Tao* é incriado, completo, a origem de todas as coisas que dá a vida a todos – sem agir. E a ordem, a lei invariável da natureza presente em tudo, mas sem possuir nada; ela está presente, mas não se impõe à estrutura das coisas. Vejamos alguns trechos do *Tao Te King* sobre o *Tao*.

Aquele que sabe a respeito do *Tao*, cala.
Aquele que fala do *Tao*, não sabe.
O sábio vive calado, (...)
Assim, unifica-se com o grande Uno (...).
(LAO-TSE, 1973, p. 143).

O insondável (*Tao*) que se pode sondar
Não é o verdadeiro Insondável.
(LAO-TSE, 1973, p. 25).

O *Tao* se parece com um quadro infinito
Sem ângulos.
Com um vaso de tamanho ilimitado
Sem conteúdo algum.
Parece-se com um som de infinita vibração
Que não se ouve.
Com uma imagem infinitamente grande
Que ninguém pode ver.
(LAO-TSE, 1973, p. 113).

Em lugar das verdades reveladas o taoísmo nada propõe, a não ser um paradoxo. Certamente todos conhecem o *Tao* (a via) e, contudo, ninguém o conhece. Aquilo pelo qual tudo é, tal e qual, sempre ultrapassará o entendimento humano.



Tao é insondável,
É invisível, apesar de seu Poder.
O mundo não o conhece.
Se reis e príncipes tivessem consciência de Tao
Todas as criaturas lhes prestariam
Espontânea homenagem.
O céu e a terra se uniriam em júbilo
Para fazer descer suave orvalho,
E os homens viveriam em paz,
Mesmo sem governo algum.
Quando o Tao assume a forma,
Pode ser conhecido mentalmente,
Mas todos os conceitos
São apenas indícios
Que apontam para o Inconcebível.
Não se esqueça o homem da sua limitação.
Quando consciente da sua limitação,
Não há perigo.
Neste caso, a relação
Entre o concebível e o Inconcebível
É como entre regatos e lagos
E as grandes torrentes que demandam os mares.
(LAO-TSE, 1973, pp. 92-93).

Chuang Tzu diz que “Tao” é apenas um nome.

O objetivo de uma armadilha para coelhos é pegar coelhos.
Quando estes são agarrados, esquece-se a armadilha.
(MERTON, 1989, p. 196).

O objetivo das palavras e dos nomes é transmitir o sentido do ser, a melodia da existência. Quando as coisas são apreendidas, as palavras são esquecidas. Identifica-se no taoísmo a presença de uma crítica ao conhecimento, pois o conhecimento do *Tao* não é um conhecimento comum. É preciso evitar a dispersão que introduz a multiplicidade no ser. Por essa razão, Lao-Tse “condena o saber e, em primeiro lugar, a falsa ciência dos valores que ensinam os moralistas e os ritualistas” (KALTENMARK, 1965, p. 60).

O sábio atinge a sabedoria
Sem erudição (...)
Termina a sua jornada
Sem viajar.
(LAO-TSE, 1973, p. 125).

Cultura genuína é orientar-se



Pelo Tao.
(LAO-TSE, 1973, p. 137).

O silêncio é um caminho seguro, em contraposição ao conhecimento.

Quanto mais falamos no Universo,
Menos o compreendemos.
O melhor é auscultá-lo em silêncio.
(LAO-TSE, 1973, p. 36).

O *Tao* também está na origem de todas as coisas. O *Tao* não é o Um, mas faz nascer o Um, pode ser o Um e depois pode fragmentar essa unidade, dividi-la.

Do Tao veio o Um.
Do Um veio o Dois.
Do Dois veio o Três.
E o Três gerou os Muitos.
Toda a vida surgiu da Treva
E demanda a Luz.
(LAO-TSE, 1973, p. 115).

Do abismo do *Tao* nasce a vida (...)
Por isso os vivos veneram o *Tao* (...)
Porquanto o *Tao* dá vida a tudo.
(LAO-TSE, 1973, p. 133).

Na cosmologia taoísta o *Tao* é constituído pela bipolaridade complementar do cosmos, que permeia toda a filosofia de Lao-Tse, que é simbolizada pelo diagrama chinês chamado *tei-gi*. O *tei-gi* simboliza a quintessência da filosofia de Lao-Tse, o alfa e ômega do *Tao* e da mentalidade chinesa, o *yin* e o *yang*, desdobrar de princípios antitéticos, opostos e complementares como o escuro e o luminoso, o frio e o quente, o masculino e o feminino, entre outros demais. O *yin* e o *yang* formam o *Tao* (cf. HODOUS, 1956b, p. 39). *Yin* e *yang* opõem-se permanentemente. Da sua dinâmica dual resultam as transformações de toda a criação: o dia e a noite, os ciclos lunares, as estações, a vida e a morte. A sua ação é cíclica: quando o *yin* atinge o seu apogeu, transmuta-se em *yang* e vice-versa. São modalidades de energias cósmicas mutáveis e em contínua interação. Esta alternância é a primeira das leis cósmicas. *Uma vez yin, uma vez yang, eis o Tao. Uma vez vida, uma vez morte, eis a transformação dos seres*, diz Chuang Tzu. O movimento contínuo do mundo é provocado pelo crescer e diminuir



das forças duais *yin* e *yang*. *Tao*, no início, criou esses contrários que são como luz e trevas, felicidade e dor. Com base nessas concepções de mundo Lao-Tse dissemina sua *metafísica*, sua *ética* em que o *Tao* unifica o que é diverso.

Tao é como a plenitude,
Que o uso jamais desgasta.
É como uma vacuidade,
Origem de todas as plenitudes do mundo.
Desafia as inteligências aguçadas.
Desfaz as coisas emaranhadas,
Funde em uma só todas as cores, unifica todas as diversidades.
(LAO-TSE, 1973, p. 34).

O *Tao* congrega toda a realidade e as únicas forças permanentes na natureza provêm do poder do *Tao*; o *Tao* se manifesta nas leis da natureza; o *Tao* é o princípio do universo e também um *padrão* para o comportamento humano, expressando-se através daquilo que se chama de “ação não planejada” ou “não-agir”, *wu wei*.

O não-agir, o *wu wei*

O *Tao* não age,
E por esse não agir tudo é feito.
(LAO-TSE, 1973, p. 102).

(...) é pelo não-agir
Que é regido o Universo.
(LAO-TSE, 1973, p. 145).

Há no taoísmo, como já mencionado, uma crítica ao conhecimento e à moral, de modo que o homem não é o centro da vida, a medida de todas as coisas, mas parte da natureza. E o homem somente poderá ser ele mesmo quando se tornar uma só coisa com o *Tao*, pela superação do que é transitório. O conhecimento aí não é especulativo, mas místico e intuitivo, ou seja, é alcançado através da participação no absoluto e da anulação das diferenças entre o indivíduo e o mundo. A verdadeira sabedoria consiste, pois, em se despir de tudo o que podemos ter adquirido e que nos leva para longe daquilo que realmente somos. Esse é o caminho da sabedoria. Para isto é necessária uma educação, mas não à maneira de Confúcio – pois “Lao-Tse ‘viaja’ no Céu com seu corpo sobre a terra e Confúcio ‘viaja’ sobre a terra com seu corpo no Céu” (CAVIN,



1968, p. 171). Educação aqui é união com o *Tao*, do qual se recebe a virtude que nos ensina a máxima simplicidade, que nos permite fazer as coisas, sem agir. O não agir é de importância capital no pensamento de Lao-Tse e do taoísmo em geral. O *wu wei* “é a doutrina taoísta por excelência que preside o comportamento do indivíduo e inspira o homem de governo” (CAVIN, 1968, p. 169). Significa não pretender manipular, destruir ou forçar a natureza, mas estar inserido em seu curso. A “proposta de Lao-Tse não é senão uma aplicação de seu princípio de *wu wei* e de não resistência” (KALTENMARK, 1965, p. 72). O *wu wei* (não-agir) é um conceito que não significa uma simples passividade, como um deixar correr, mas não-interferência, agir sem agir, atividade passiva. É um “se deixar guiar e conduzir pela grande cosmo-consciência” (LAO-TSE, 1973, p. 16).

A não-ação do sábio não é a inação. (...)
É vazio, é quieto, é tranquilo, é sem-sabor
O silêncio, a não-ação: esta é a medida do céu e da terra. (...)
Do vazio vem o não-condicionado. (...)
Da quietude, a ação. Da ação, a realização.
Da sua quietude vem sua não-ação, que é também ação
E é, portanto, sua realização. (...)
Porque o vazio, o quieto, o tranquilo,
O silêncio e a não-ação
Eis a raiz de todas as coisas.
(MERTON, 1989, pp. 106-107).

O contentamento e o bem-estar imediatamente se tornam acessíveis, desde que você cesse de agir tendo-os em vista e, ao praticar o não-agir (*wu wei*), você obterá, tanto a felicidade como o bem-estar.
Eis como resumo isto:
O céu nada faz: seu não-agir é sua serenidade.
A terra nada faz: seu não-agir é seu repouso.
Da união destes dois não-agires
Procedem todas as ações,
Todas as coisas são feitas.
Como este devir
É vasto e invisível!
Tudo provém de nenhum lugar!
Como é vasto, invisível –
Nenhum meio de explicá-lo!
Todos os seres em sua perfeição
Nascem do não-agir.
Daí se dizer:
“O céu e a terra nada fazem
nada há, porém, que não façam”.
(MERTON, 1989, pp. 131-133).

Mas é preciso perguntar: “onde estará o homem capaz de alcançar este não-agir?” (MERTON, 1989, p. 133).

Poucos homens, aqui na terra, sabem
Do segredo do ensinamento sem palavras
E do poder do agir
Pelo não-agir.
(LAO-TSE, 1973, p. 117).

Fundamentalmente, observa-se que o taoísmo é uma doutrina da *felicidade* (cf. VANDIER-NICOLAS, 1965, p. 72ss), em que o homem perde a felicidade ao se afastar da harmonia do *Tao* universal. O ideal do procedimento do sábio é uma espécie de “deixar ser”, o *wu wei*, a “contemplação desinteressada do eterno” (ZILLES, 1997, p. 34) ou a obtenção de um “estado de vazio”. É preciso apoiar-se no repouso, com serenidade, condição da uma filosofia do “olho do furacão”, em que se encontra paz no meio da tempestade. “Há, sempre, uma possibilidade aberta, escancarada, diante de nós e em qualquer situação. O *Tao Te Ching* nos diz que isso é ‘ser inteligente’, e poderá fazer de nós um Rei” (AZEVEDO, 1973, p. 328). No taoísmo, originalmente, não se confere “um significado especial para o homem dentro da natureza, a não ser a faculdade de conhecer que a sua felicidade está em retornar ao *Tao*” (PIAZZA, 1991, p. 343). E esse caminho é atravessado pelo *wu wei*. Trata-se de um certo ocultamento de si mesmo e o anonimato. (cf. SPROVIERO, 1998, p. 58).

O homem do Tao
Fica desconhecido. (...)
E o maior homem de todos
É o ninguém.
(MERTON, 1989, p. 121)

O *wu wei* é uma sabedoria que deve ser encontrada, observada e imitada.

Agir pelo não-agir!
Sede ativos na inatividade!
Achai gosto no desgosto!
Vede o grande no pequeno!
Vede o muito no pouco!
Enfrentai o ódio com o amor no coração!
Reconhecei o difícil,
Antes que apareça a sua dificuldade!



Realizai o grande,
Amando o pequeno!
Todo o complicado no mundo começa
Começa no simples!
Todo o grande
Nasce pequeno!
O sábio não se preocupa com sua salvação,
E por isto a encontra.
Quem facilmente promete,
Não merece confiança.
Quem age levianamente
Esbarra com dificuldades.
O sábio prevê as dificuldades,
E por isto as supera.
(LAO-TSE, 1973, pp. 158-159).

A ideia que permeia o *Tao Te King* é que o sábio é aquele que procura desfazer as complicações das coisas e aplainar as suas arestas. O “sábio age pelo não-agir” (MERTON, 1989, p. 28). Esse não-agir não é atividade que se oponha à passividade. “O caráter verdadeiro do *wu wei* não é a mera inatividade, mas sim a ação perfeita – por se tratar de um ato sem atividades” (MERTON, 1989, p. 39). É ato sem resistência, ato não separado da origem. Trata-se de um modo de ser nem ativo nem passivo. É ato sem resistência, ato não separado da origem. Trata-se de um deixar-se guiar e conduzir-se pela grande cosmo-consciência. O verdadeiro *wu wei* de Lao-Tse é uma cândida e jubilosa disponibilidade cósmica do homem integral, que se deixa invadir pelo “Uno divino” (LAO-TSE, 1973, p. 118, nota do tradutor).

Com o *wu wei* o taoísmo orienta-se para o ensinar sem palavras, agir sem atividade. Essa sabedoria silenciosa, que ensina sem palavras e age sem atividade representa a maior potência do Universo; é o falar e o agir da própria divindade, o *wu wei* de toda filosofia chinesa. “Trata-se de uma poderosa atitude sem atos, de uma vacuidade-plenitude, de um todo-nada” (LAO-TSE, 1973, p. 118, nota do tradutor). Tem-se, desse modo, que o taoísmo vai de encontro à concepção de homem de Confúcio, que age por virtuosidade e moralidade, inspirado na tradição e nos ritos (SE-TSIEN KAO, 1945). Esse homem da práxis, que conhece o valor do útil, não conhece, todavia, o valor maior, que é o valor do inútil (cf. sobre *O inútil* em MERTON, 1989, pp. 194-195).

O oleiro faz um vaso, manipulando argila,
Mas é o oco do vaso que lhe dá utilidade.



Paredes são massas como portas e janelas,
Mas somente o vácuo entre as massas
Lhes dá utilidade –
Assim são as coisas físicas,
Que parecem ser o principal,
Mas o seu valor está no metafísico.u-we
(LAO-TSE, 1973, p. 48).

Retoma-se aqui Chuang Tzu. O segredo da vida proposta por Chuang Tzu não é a acumulação de virtude e do mérito – proposta do confucionismo – mas o *wu wei*. Se o homem está em harmonia com o *Tao*, isto é, o *Tao* cósmico, o “Grande *Tao*”, não agirá “de acordo com uma maneira de agir humana e autoconsciente, mas segundo a maneira espontânea e divina do *wu wei*, que é a maneira de agir do próprio *Tao*, e, portanto, a fonte de todo o bem” (MERTON, 1989, p. 33).

Quem obedece ao *Tao*
Torna-se mais modesto, dia a dia.
Não deseja nada,
E acaba não fazendo nada.
E, graças a essa obediência desinteressada,
Tudo é feito por meio dele.
(LAO-TSE, 1973, p. 127).

Tudo se realiza pelo não-agir. O não-agir relaciona-se, em certa medida, com a questão da imortalidade. (CAVIN, 1968, p. 269). “O problema central do taoísmo (...) é a vida futura, a necessidade da imortalidade e da imortalidade pessoal” (KALTENMARK, 1965, p. 146). Os caminhos para esse domínio do tempo são múltiplos. Aí temos as ramificações do *zen*. Podemos dizer que o caminho da sabedoria, do sábio – daquele que desaparece sempre por detrás das suas obras, que é tão anônimo como o próprio *Tao*, cuja ausência invisível realiza todas as presenças visíveis – conduz à imortalidade. A sabedoria o torna um imortal (*hsien*).

Porque o sábio é invulnerável.
Porque para ele não há morte.
(LAO-TSE, 1973, p. 132).

O taoísmo surgiu desde o seu início com peculiaridades de uma religião de salvação individual, centrada na procura pela *Longa Vida*, quer dizer, da imortalidade, pois aquele que segue os ritmos dos ciclos cósmicos, aquele que imita o *Tao*, renova-se



como a natureza. O homem comum vive entre os pares de opostos: vida e morte, saúde e doença, e assim por diante. Mas o sábio, o iniciado, reduz essas antíteses a uma grande síntese. Para ele os polos, aparentemente contrários, são complementares, uma vez que ele transcendeu as antíteses ilusórias e atingiu a síntese verdadeira.

A ambição do *homem taoísta* consiste em *roubar o segredo do Céu e da Terra*, arrancar daí o segredo da própria vida, a fim de concretizar o seu desejo de imortalidade. “Para agarrar o destino nas mãos é preciso antes de mais nada dominar o universo interior” (SCHIPPER, 1997, p. 523). Assim, o verdadeiro imortal vive para aprender uma vida em sintonia com o *Tao* (BEAVER, 1996, p. 252), com o *Tao* que age no repouso. “Apoderar-se” do *Tao*, mergulhar nessa sabedoria que está para além do corpóreo, garante a imortalidade.

Do abismo do Tao nasce a vida;
É mantida pelo poder da vitalidade,
Manifestada pela maternidade,
E completada pelo livre arbítrio da vida.
(LAO-TSE, 1973, p. 133).

Quem vive na plenitude do seu Ser
Vive como criança recém-nascida.
(LAO-TSE, 1973, p. 141).

Quem é fiel ao Eu interno (...)
Terá vida em abundância. (...)
Vive permanentemente.
(LAO-TSE, 1973, p. 139).

A questão da imortalidade é um ponto chave para a cosmovisão taoísta e, por esse motivo, a prática do *wu wei* se torna tão importante, pois consiste em voltar-se para o *Tao*, perder-se nele.

Tao é o seio materno do Universo.
Quem conhece sua mãe, sente-se filho seu.
Quem se conhece como filho, vive a vida de sua mãe,
Nem vê detrimento na morte.
Quem refreia os seus sentidos
E conserva as suas forças,
Não se esgota.
Mas quem se desgasta,
Quem se dissipa e dispersa,
Esse vive em vão.
Quem tem a consciência de ser apenas uma centelha,



Esse é iluminado.
Quem, em seu dever,
Permanece maleável e flexível,
Esse é forte.
Permanece flexível e maleável,
À origem da luz,
Esse não sucumbe à morte,
É imortal.
Quem vive na essência
Não se prende a nenhuma aparência.
(LAO-TSE, 1973, pp. 135-136).

Uma das bases do taoísmo está situada no êxtase místico, que se desdobra na ideia de imortalidade – e de donde se vê surgir um sem-número de obras sobre a arte de “alimentar a energia vital”, tais como meditação, exercícios de respiração, alquimia, etc. (cf. SCHIPPER, 1997; KALTENMARK, 1965, pp. 155-179). A experiência mística é uma espécie de conversão, que é alcançada através de um processo denominado por Chuang Tzu de “renovação do coração” ou “jejum do coração”. Segundo Lao-Tse, essa renovação consiste em imitar o *Tao* e agir pelo não-agir. Procedendo desta forma a imortalidade é, conseqüentemente, alcançada, e o homem passa a fazer parte da totalidade do cosmo, une-se a ele. Isto é, supera-se a morte. Trata-se de contemplar e viver o *Tao* no silêncio. “O ‘homem do Tao’ preferirá a obscuridade e a solidão” (MERTON, 1989, p. 35). Aqui o silêncio é de suma importância. O “silêncio, a não-ação: esta é a medida do céu e da terra”. (MERTON, 1989, p. 106).

Quem pouco fala, encontra atitude certa
Em todos os acontecimentos. (...)
Isto é: adaptar-se em silêncio
A todos os acontecimentos.
Quem harmoniza os seus atos
Com o Tao da Realidade
Se torna um com ele. (...)
E quem assim se harmoniza com o Infinito
Recebe os benefícios do Infinito.
(LAO-TSE, 1973, pp. 74-75).

O homem nobre cumpre a ordem cósmica.
E quem cumpre esta ordem,
Se identifica com Tao, o Infinito.
É imortal como Tao
E não subjaz a destino algum.
(LAO-TSE, 1973, p. 60).



Considerações finais

A filosofia de Lao-Tse e do taoísmo, como um todo, pretende instaurar um agir *desinteressado*, que procura ver nas coisas simples a grandeza; no inútil o mais importante; no pequeno o grande, e assim por diante. Diz-se de um bem viver alicerçado na gratuidade das ações, guiado pelo *Tao* e a não-ação.

O sábio não tem coração egoísta,
Inclui no seu coração os corações dos outros.
(LAO-TSE, 1973, p. 129).

Quem age egoicamente
Está morto
Antes mesmo de morrer.
É este o ponto de partida da minha filosofia.
(LAO-TSE, 1973, p. 116).

Seria possível dizer, de um modo bastante incipiente, em meio a estas anotações, que o taoísmo deixa indicado em sua trajetória uma *ética da alteridade*³, ligada a esse grande todo-outro chamado *Tao* que guia os caminhos da sabedoria da vida e diante do qual é preciso des-interessamento, passividade, não-agir, entregar-se, tornar-se refém. Trata-se de uma ética de resiliência, que se mostra resistente a categorizações formais, que indica possibilidade de ser realizada somente através do repouso (que contesta o esforço) e de um não-caminho, apesar do caminho. Não há propriamente uma moralidade a ser seguida, mas apenas um perder-se silenciosamente no *Tao* – abandonar-se nesse seio materno do universo, sendo por ele acolhido, onde é possível ganhar-se no momento mesmo em que se doa. A isso se refere o não-agir.

Referências Bibliográficas

³ Quanto a este ponto, propõe-se aqui uma aproximação. O filósofo franco-lituano Emmanuel Lévinas (1906-1995) é conhecido por sua ética da alteridade, na qual há uma defesa do des-interessamento, da passividade, do servir ao outro. Embora Lévinas não tenha sido um leitor da tradição taoísta e esteja em diálogo profundo com a fenomenologia, com Husserl, Heidegger e com as culturas europeia e judaica, é curioso notar aqui que seu pensamento se aproxima, em certa medida, pode-se dizer, daquele pensamento, onde a ética se mostra ou se constitui somente através de um não-caminho (não se nota a presença de uma moral, que poderia guiar o agir, assim como em Lévinas), pois não há propriamente uma moralidade a ser seguida, mas apenas um perder-se no *Tao*. Em Lévinas, pode-se afirmar, em certa medida, que há a ideia de um perder-se (sem fusão) na alteridade, no totalmente Outro – que também receberá o nome de infinito – através daquilo que ele chamará de substituição (Outro-no-Mesmo), onde se chega quase ao ponto da aniquilação de si.



AZEVEDO, Murilo Nunes de. *O olho do furacão; um panorama do pensamento do Extremo Oriente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

BERTHRONG, John. “Sábios e imortais: as religiões chinesas”. In: BEAVER, R. Pierce et al. (ed.). *As religiões do mundo*. São Paulo: Melhoramentos, 1996, pp. 245-254.

CAVIN, Albert. *Le confucianisme*. Paris : Garnier Frères, 1968.

DO-DINH, Pierre. *Confucius et l’humanisme chinois*. Paris: Du Seuil, 1958.

DONINI, Ambrogio. “Buda, Confúcio e Maomé”. In: *Breve história das religiões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, pp. 297-315.

ELORDUY, Carmelo. *El humanismo político oriental*. Madrid: La Editorial Católica, 1976.

HODOUS, Lewis. “Confucionismo”. In: JURJI, Edward J. *História das grandes religiões*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1956a, pp. 9-35.

_____. “Taoísmo” In: JURJI, Edward J. *História das grandes religiões*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1956b, pp. 37-58.

KALTENMARK, Max. *Lao-Tseu et le Taoïsme*. Paris : Du Seuil, 1965.

LAO-TSE. *Tao Te King*. Trad. de Huberto Rohden. São Paulo: Fundação Alvorada, 1973.

MASPERO, Henri. *Le Taoïsme et les religions chinoises*. Paris : Gallimard, 1971.

MASSON-OURSEL, Paul. “La Chine”. In: GORCE, Maxime, MORTIER, Raoul (ed.). *Histoire générale des religions*. Paris : Aristide Quillet, 1948, pp. 449-465.

MERTON, Thomas. *A via de Chuang Tzu*. Petrópolis: Vozes, 1989.

PIAZZA, Waldomiro O. *Religiões da humanidade*. São Paulo: Loyola, 1991.

POTTER, Charles Francis. “Confúcio”. In: POTTER, Charles Francis. *História das religiões*. São Paulo: Universitária, 1944.

SCHIPPER, Kristofer. “O taoísmo” In: DELUMEAU, Jean (ed.). *As grandes religiões do mundo*. Lisboa: Presença, 1997, pp. 506-550.

SE-TSIEN KAO, Juan Bautista. *La filosofía social y política del confucianismo*. Buenos Aires: Poblet, 1945.

SPROVIERO, Mário Bruno. “Aspectos da filosofia chinesa: Confúcio e Laozi”. In: *Reflexão*. v. 14, n. 41, 1998, pp. 45-64.



VANDERMEERSCH, Léon. “O confucionismo”. In: DELUMEAU, Jean (ed.). *As grandes religiões do mundo*. Lisboa: Presença, 1997, pp. 551-581.

VANDIER-NICOLAS, Nicole. *Le Taoïsme*. Paris: P.U.F., 1965.

WILGES, Irineu. “Religiões sapienciais”. In: WILGES, Irineu. *As religiões do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1982, pp. 20-50.

ZILLES, Urbano. “Religiões sapienciais”. In: ZILLES, Urbano. *Religiões; crenças e credences*. Porto Alegre: EDIPCRS, 1997, 13-57.